

solvi
Soluções para a vida

ed. 1

1º semestre
2026

revista

CAPA

**Tecnologias que
transformam
resíduos em valor real**

ENTRE ASPAS

**Entrevista com o CEO
sinaliza o futuro
do setor ambiental**

Nesta edição:

04

◆ **Aconteceu**

Solví avança em energia renovável e gestão sustentável de resíduos



08

▲ **Entre aspaS**

Entrevista com o CEO do Grupo Solví sobre tecnologia, clima e futuro do setor de resíduos



▼ **Radar do setor**
Brasil ainda convive com cerca de 3 mil lixões

13



▼ **Conexões**
Entenda como a Solví transforma resíduos em um combustível sustentável

22



▲ **Capa**
Tecnologias transformam resíduos em energia e novos insumos

16

26

▼ **PessoaS**

Os bastidores da limpeza de rua no Carnaval de Salvador



30

▲ **Voz de especialista**

Colaboradora da Solví, Nathalia Siqueira, reflete sobre o valor social da gestão de resíduos

CARTA DO EDITOR

A Revista S está de volta

Alguns anos atrás, lançamos a Revista S, um espaço para compartilhar histórias e aprendizados que fazem parte da trajetória do Grupo Solví. Com o tempo, a publicação se tornou um importante ponto de encontro para ideias, projetos e iniciativas que ajudaram a traçar o nosso caminho.

Nesta edição, a revista retorna com uma proposta renovada, mais leve e atenta ao setor para refletir sobre a relevância dos resíduos na construção de um futuro mais sustentável. Ao conectar nossas equipes e especialistas a você, leitor(a), buscamos contar boas histórias para mostrar que, juntos, podemos transformar nossos hábitos – do consumo ao descarte – com mais consciência sobre o nosso papel na mudança que queremos promover na sociedade e no meio ambiente.

Convidamos você a explorar esta edição com curiosidade e a participar das próximas edições. Queremos ouvir ideias, sugestões de pauta e novas vozes que possam enriquecer essa conversa. A cada edição, publicaremos também um artigo assinado por um colaborador, porque acreditamos que o conhecimento se fortalece quando é compartilhado.

Boa leitura!

QUEM FAZ A REVISTA S

COORDENAÇÃO EDITORIAL Time de Comunicação Solví (Ricardo Lyra, Aline Ramos, Vitoria Reis Gonçalves e Rogério Hortencio)

REDAÇÃO E REVISÃO Ravi Comunicação para Sustentabilidade

DESIGN Senso Comunicação

Aconteceu

NOVAS PLANTAS DE BIOMETANO AMPLIAM PRODUÇÃO DE ENERGIA RENOVÁVEL

O avanço do biometano segue ganhando força nas operações da Solví. Em 2026, a Essencis Biometano, em Caieiras (SP), completará dois anos de atividade, enquanto a Biometano Sul, em Minas do Leão (RS), chegará ao seu primeiro ano de operação. Também concluímos a obra da nova planta em São Leopoldo (RS), que inicia operação em agosto deste ano. Produzido a partir do biogás gerado em nossos aterros, o biometano apresenta características equivalentes às do gás natural, mas tem origem renovável. Com isso, fortalece a economia de baixo carbono e se consolida como uma solução para a descarbonização da indústria e do transporte.

SOLVÍ CELEBRA 50 ANOS DE TRAJETÓRIA

Com mais de meio século de história, a companhia lançou o livro “Solví 50 anos”, obra que destaca momentos marcantes dessa jornada, incluindo o pioneirismo no setor, a expansão nacional e internacional e o desenvolvimento de três verticais estratégicas de atuação. A publicação também apresenta iniciativas de inovação, impactos socioambientais e a visão de futuro que orienta os próximos capítulos da Companhia. [Confira neste QR Code.](#)

NOVA UVS VIABILIZA FIM DE SETE LIXÕES NO CEARÁ

Inaugurada em 17 de junho de 2026, a Unidade de Valorização Sustentável (UVS) Revita Pacajus, no Ceará, amplia a infraestrutura para a destinação ambientalmente adequada de resíduos no estado. Com capacidade para processar até 800 toneladas por dia e atender 27 municípios, a unidade oferece uma alternativa regularizada para materiais comuns gerados por residências, comércios e indústrias, criando as condições necessárias para o encerramento de sete lixões na região.

CORRIDA DO GARI DE SAMPA UNE ESPORTE E SUSTENTABILIDADE

A Loga, que integra o Grupo Solví e atua na limpeza urbana e gestão de resíduos da capital paulista, patrocinou a 4ª Corrida do Gari de Sampa, realizada em 31 de maio, na Praça do Patriarca, no Centro Histórico de São Paulo (SP). O evento reuniu cerca de 4 mil participantes, valorizou os profissionais da limpeza urbana e incentivou hábitos saudáveis. Além disso, as emissões foram compensadas pela Solví com créditos de carbono do Aterro Sanitário de Caieiras, empreendimento do Grupo.

PROJETO DE BIOMETANO GANHA DESTAQUE INTERNACIONAL

Durante a programação da World Bioenergy Association na COP30, foi lançado um episódio da série Bioenergy Horizons que apresenta a Essencis Biometano, em Caieiras (SP). O episódio mostra como os resíduos da UVS Caieiras são transformados em combustível renovável com papel estratégico na transição energética. Executivos da Solví participam da produção, apresentando como tecnologia, inovação e educação ambiental impulsionam esse movimento. [Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista ao episódio.](#)



ACONTECEU



MOTOGP 2026 COM COMPENSAÇÃO INTEGRAL DAS EMISSÕES

A Solví também foi responsável pela compensação integral das emissões de carbono do Grande Prêmio do Brasil de MotoGP 2026, realizado em Goiânia. Ao longo dos três dias de evento, a atuação integrada com a Resíduo Zero Ambiental garantiu a destinação ambientalmente adequada de 41 toneladas de resíduos, além da compensação das emissões associadas à operação e às pessoas que aderiram voluntariamente à iniciativa nas ativações realizadas no local. A ação reforça o compromisso da Solví em levar soluções de gestão ambiental e mitigação de impactos climáticos a grandes eventos esportivos.



LOGA APOIA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CATAVENTO

A Loga, empresa do Grupo Solví responsável por serviços de limpeza urbana e gestão de resíduos em São Paulo, apoiou a inauguração da sala “Tudo se Transforma: o Mundo dos Recicláveis”, no Museu Catavento, na capital paulista. O primeiro espaço do museu dedicado à educação ambiental sobre resíduos convida visitantes a entender, de forma lúdica, o ciclo da reciclagem, o descarte correto e a compostagem, estimulando atitudes mais conscientes no dia a dia.

SOLVÍ CRIA CENTRO DE EXCELÊNCIA EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O Grupo Solví lançou o Centro de Excelência de Inteligência Artificial (CEIA), iniciativa que reúne pessoas, métodos e tecnologia para orientar o uso seguro e ético da IA nas operações do Brasil, da Argentina e do Peru. No Portal CEIA, os colaboradores encontram diretrizes de governança, ferramentas homologadas, capacitações e conteúdos de apoio, além de um espaço para compartilhar casos de uso e sugerir novas aplicações. Liderado pelo Centro Corporativo de Tecnologia da Informação (CCTI), o projeto visa ampliar a produtividade, a eficiência e a geração de valor, com foco em segurança e conformidade.

O LIXO TAMBÉM É SEU

DOCUMENTÁRIO AMPLIA DEBATE SOBRE RESÍDUOS

A Solví apoiou a série documental “O Lixo Também é Seu”, produção que convida o público a refletir sobre o impacto dos resíduos na sociedade e os caminhos para uma gestão mais responsável no Brasil. Em cinco episódios, o documentário apresenta histórias, desafios e soluções ligados ao tema, reforçando a importância da conscientização e da participação de todos nessa agenda. [Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista ao episódio.](#)



Foto: Wagner Meier – Getty Images for Global Citizen

SOLVÍ COMPENSA EMISSÕES EM GRANDES SHOWS

A Solví levou a agenda climática para os palcos ao compensar as emissões de três shows da Aurea Tour, do cantor Alok, e do megashow musical Global Citizen Live: Rio de Janeiro, que mobiliza artistas e público em torno de causas sociais e ambientais. Nas apresentações de Alok, os créditos vêm de projetos nas Unidades de Valorização Sustentável (UVSs) do Grupo Solví, voltados à geração de energia renovável. No Global Citizen, a compensação conta com créditos verificados pela Future Climate e pela Solví, conectados à conservação da Amazônia e à economia circular.



Resíduo é solução quando tecnologia e gestão caminham juntas



A gestão de resíduos deixou de ser apenas um serviço básico para ocupar espaço crescente na agenda climática e energética. Tecnologias capazes de transformar resíduos em energia, combustíveis renováveis e novos materiais ampliaram o papel do setor na transição para uma economia de baixo carbono. Nesta entrevista o CEO Celso Pedroso fala sobre

as transformações do setor, as oportunidades que surgem desse novo cenário e o papel da Companhia nesse processo.

[Revista S] O senhor atua no setor de soluções ambientais há mais de duas décadas. O que mais mudou nesse período?

[Celso Pedroso] A principal mudança foi a relevância do tema ambiental.

Quando comecei no setor, a gestão de resíduos era vista sobretudo como um serviço operacional. Hoje ela ocupa posição estratégica na sociedade. O avanço da regulação, das tecnologias e das políticas públicas ampliou o papel do setor na agenda climática e energética.

Por que os resíduos deixaram de ser vistos apenas como passivo ambiental?

Porque a tecnologia mudou a lógica do setor. Nos aterros sanitários, por exemplo, já é possível captar o biogás gerado pela decomposição da matéria orgânica e utilizá-lo para produzir energia elétrica ou biometano. Além disso, existem outras rotas de valorização, como o coprocessamento de resíduos em fornos industriais ou projetos de geração de energia a partir de resíduos. Esse conjunto de tecnologias mostra que aquilo que antes era visto apenas como descarte pode se tornar um recurso importante na economia de baixo carbono.

O Brasil está preparado, do ponto de vista regulatório, para acelerar essa agenda?

A legislação ambiental brasileira é uma das mais avançadas do mundo. Contudo, para que uma

política ambiental funcione plenamente, três fatores precisam caminhar juntos. O primeiro é a regulamentação adequada das normas. O segundo é o aumento da conscientização da sociedade sobre a importância da gestão ambiental. E o terceiro é a viabilidade econômica das soluções. Hoje o Brasil ainda investe menos em gestão ambiental do que países mais desenvolvidos. Quando analisamos o gasto anual por habitante em sistemas de resíduos, por exemplo, vemos que ele ainda é relativamente baixo. Por outro lado, isso representa uma grande oportunidade para o crescimento do setor nos próximos anos.

“A agenda ambiental passou a ocupar posição estratégica na sociedade.”

Quais tendências devem marcar o setor nos próximos anos?

Acredito que veremos três movimentos importantes. O primeiro é a consolidação do mercado de carbono no Brasil, que deve impulsionar projetos de

redução de emissões. O segundo é o avanço do biometano. Essa fonte renovável tem grande potencial de crescimento no país, principalmente porque aproveita resíduos que já existem e transforma esse recurso em energia limpa. E o terceiro é o desenvolvimento de novas rotas de valorização de resíduos, como produção de CO₂ industrial, hidrogênio verde e amônia para fertilizantes, que ampliam o aproveitamento energético e material dos resíduos. Essas transformações devem tornar o setor ambiental ainda mais relevante na economia e na agenda climática.

Como a Solví tem estruturado sua atuação diante dessas transformações?

A Companhia organizou suas atividades em três verticais: Manejo e Tratamento de Resíduos, Energia Verde e Soluções Industriais. Manejo e Tratamento de Resíduos continua sendo a base das

operações. A partir dele, surgem oportunidades de gerar energia renovável por meio do biogás e do biometano, na vertical de Energia Verde. Já a vertical de Soluções Industriais atua em toda a jornada ambiental da indústria, com um portfólio que abrange o tratamento, a destinação e o reúso de efluentes, além do desenvolvimento, da implantação e da operação de sistemas de fornecimento de água para uso industrial. Também realiza diagnóstico e monitoramento de recursos ambientais, gerenciamento e remediação de áreas contaminadas, gestão completa de resíduos industriais e serviços de resposta a emergências.

O que esse modelo integrado permite alcançar na prática?

Ele permite capturar valor em diferentes etapas da cadeia. Não se trata apenas de destinar resíduos corretamente, mas de transformá-los em ativos ambientais. Isso inclui geração de energia, redução de emissões e soluções que ajudam empresas e cidades a operarem com menor impacto ambiental.

Em um setor que evolui rapidamente, como manter competitividade e pioneirismo?
Primeiro, pela capacidade

de investimento. Segundo, pela qualificação das equipes. Tecnologia só gera resultado quando existem pessoas preparadas para operá-la e desenvolvê-la. Ao longo da trajetória do Grupo Solví, essa combinação entre investimento, conhecimento técnico e visão estratégica foi essencial para manter a nossa competitividade.

Qual legado a Solví constrói nos territórios onde atua?

O principal legado da Solví é transformar resíduos em soluções sustentáveis que geram valor para a sociedade. Assim, convertemos desafios ambientais em oportunidades de gerar energia, reduzir emissões, preservar recursos naturais e melhorar a qualidade ambiental. Com tecnologia, inovação, capacitação e novos projetos, fortalecemos comunidades, promovemos desenvolvimento local e conscientização ambiental, ajudando cidades e indústrias a avançarem com eficiência, sustentabilidade e impacto positivo permanente.

E qual deve ser o papel da Solví nos próximos anos?

O setor ambiental ainda tem amplo espaço para avançar no

Brasil. Nosso papel é contribuir para essa evolução com soluções tecnicamente robustas, economicamente viáveis e ambientalmente responsáveis. Para isso, seguimos investindo em pessoas, tecnologia e na integração das nossas operações, ampliando a valorização dos resíduos e a geração de energia renovável. Dessa forma, buscamos fortalecer soluções que apoiem a transição para uma economia mais limpa, eficiente e circular.

“O principal legado da Solví é transformar resíduos em soluções sustentáveis.”



EMPRESA
**PRÓ
ÉTICA**
2025-2026

A única do setor. Ser referência vai além da gestão de resíduos.

A Solví Essencis Ambiental é a única empresa do setor de resíduos reconhecida como Empresa Pró-Ética 2025/2026 pela Controladoria-Geral da União.

- Reconhecimento Nacional
- Compromisso com Integridade
- Governança
- Sustentabilidade
- Transparência
- Valor para o Investidor

solví
Soluções para a vida



RADAR DO SETOR



Entre o desperdício e a oportunidade: o desafio do Brasil na gestão adequada de resíduos

O BRASIL PRODUZIU MAIS DE 81 MILHÕES DE TONELADAS DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS EM 2024, SEGUNDO O PANORAMA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO BRASIL 2025, DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RESÍDUOS E MEIO AMBIENTE (ABREMA).

É um volume difícil de imaginar: todos os dias, o país gera mais de 223 mil toneladas de lixo. Ao longo de um ano, essa quantidade seria suficiente para formar mais de duas montanhas do tamanho do Pão de Açúcar, um dos cartões-postais da cidade do Rio de Janeiro.

Apesar da ampla cobertura de coleta, cerca de 40% desses resíduos ainda têm destinação final inadequada, muitas vezes em lixões, sem sistemas capazes de evitar a contaminação do solo, da água e do ar. Além disso, esses lixões liberam gases de efeito estufa (GEE) e expõem populações vulneráveis a riscos sanitários.

Mas há um outro lado dessa história. Grande parte do que hoje chamamos de lixo é, na verdade, um recurso mal aproveitado. “Quando a ABREMA foi criada,

há quase três anos, havia o objetivo de mudar a imagem do setor. Não somos empresas de lixo. Somos empresas ambientais, que trabalham 24 horas por dia mitigando resíduos e transformando problemas em soluções”, afirma Pedro Maranhão, presidente da ABREMA.

O próprio Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2025 indica que já existem iniciativas que transformam o lixo em novos produtos e fontes de energia limpa. Entre elas está o biogás gerado nos aterros sanitários, que pode ser purificado e convertido em biometano, um combustível renovável capaz de substituir o diesel em veículos e processos industriais. Outra solução é o Combustível Derivado de Resíduos Urbanos (CDRU), produzido a partir da fração de resíduos que não pode ser reciclada pelos métodos tradicionais. Esse material pode substituir combustíveis fósseis em fornos industriais, especialmente na indústria do cimento. Embora ainda representem uma parcela pequena do total de resíduos tratados no país, essas tecnologias apontam que é possível transformar lixo em aliado no combate às mudanças climáticas.

Esse potencial tem colocado a gestão de resíduos no centro da agenda climática global. Ao evitar emissões de metano e gerar energia renovável, o setor pode contribuir diretamente para metas climáticas e para a expansão de mercados como o biometano e os créditos de carbono. Mais do que resolver um passivo ambiental, a destinação adequada permite que resíduos antes descartados passem a integrar novos ciclos produtivos, gerando energia, combustíveis, materiais e oportunidades para os territórios.

Ainda assim, os desafios são grandes. “O Brasil convive com cerca de 3 mil lixões ativos, e existe uma grande diferença regional. Enquanto regiões como Sudeste e Sul destinam mais de dois terços dos resíduos a aterros sanitários, outras áreas do país ainda enfrentam limitações logísticas e estruturais para garantir a destinação adequada”, observa Maranhão. Um dos caminhos para reverter esse quadro é aproveitar melhor a infraestrutura de aterros sanitários já existente e ampliar parcerias entre municípios e iniciativa privada. A própria ABREMA estima que, com o uso mais eficiente das estruturas atuais, seria possível desativar até metade dos lixões do país.

Outro caminho passa pela ampliação da infraestrutura onde ela ainda é insuficiente. Em junho deste ano, o Grupo Solvi inaugurou a UVS Pacajus (CE), que possibilitará o encerramento de mais sete lixões no Ceará. Além disso, segue avançando na implantação das unidades de Macaíba (RN) e Alegrete (RS). Com um pipeline de novos projetos em desenvolvimento, a expectativa da companhia é ampliar a destinação adequada de resíduos e reduzir gradualmente a dependência do país por lixões.

Enquanto lixões são áreas abertas onde os resíduos são despejados sem controle adequado, aterros sanitários são obras de engenharia com impermeabilização do solo, tratamento de líquidos e captura de gases. Em alguns casos, esses espaços são verdadeiros centros de valorização de resíduos, que geram energia, combustíveis e novos materiais.

Encerrar lixões, portanto, é uma das etapas mais urgentes para melhorar a gestão de resíduos no Brasil. Embora possam parecer uma solução de menor custo para os municípios, os lixões apenas adiam a conta. Além de irregulares, concentram impactos que recaem sobre a população, como riscos à saúde pública, contaminação do solo e da água, degradação de recursos naturais e despesas futuras com danos que poderiam ter sido evitados.

Para a ABREMA, o momento é decisivo. A entidade tem atuado para ampliar o debate público, apoiar políticas que encerrem os lixões e incentivar modelos que transformem resíduos em recursos. O desafio ainda é grande. Mas, com planejamento, tecnologia e cooperação entre governos, empresas e sociedade, o Brasil tem condições de virar essa página e passar a olhar para o lixo como parte da solução para um futuro mais limpo e sustentável.

É importante entender que lixões e aterros sanitários não são a mesma coisa.



CAPA

Tecnologias que transformam resíduos em

valor

COM O AVANÇO DA AGENDA CLIMÁTICA, A GESTÃO DE RESÍDUOS PASSOU A OCUPAR UM LUGAR ESTRATÉGICO NO DEBATE SOBRE SUSTENTABILIDADE.

Esse novo olhar vai além do impacto direto nas emissões de gases de efeito estufa: envolve também o potencial de gerar valor, melhorar a qualidade de vida nas cidades e otimizar o uso de recursos em uma economia cada vez mais orientada pela circularidade.

Nesse contexto, ganha força o conceito de reciclagem bioenergética, que amplia a noção tradicional de reciclagem. Mais do que separar materiais e reinseri-los em processos industriais, trata-se de transformar resíduos em energia, combustíveis renováveis e novos insumos produtivos, em linha com os princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos.

Na prática, essa abordagem muda a lógica do descarte. O que antes era tratado apenas como lixo – muitas vezes destinado a locais inadequados ou sem aproveitamento – passa a integrar cadeias de valor. A decomposição da matéria orgânica, quando ocorre sem controle, libera metano, um gás de efeito estufa com potencial de aquecimento muito superior ao do dióxido de carbono. Ao capturar



e tratar esses resíduos por meio de tecnologias adequadas, é possível reduzir impactos ambientais e, ao mesmo tempo, produzir soluções energéticas e produtivas.

Soluções que já estão em curso

Esse movimento já se traduz em soluções concretas, ainda que com amplo espaço para crescer e ganhar escala no país.

Um dos exemplos mais promissores é o biometano. Produzido a partir do biogás gerado na decomposição de resíduos, ele pode substituir combustíveis fósseis em diferentes aplicações, do transporte à indústria. Segundo o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), seu potencial poderia suprir até 20% da demanda nacional de gás natural e evitar a emissão de até 112 milhões de toneladas de CO₂ equivalente por ano.

Na prática, esse avanço já começa a se materializar. O Grupo Solví, por exemplo estruturou uma frente dedicada à energia renovável, com foco na valorização do biogás gerado em seus aterros. A estratégia combina geração de energia elétrica e produção de biometano, com um *pipeline* de expansão que prevê o aproveitamento desse recurso em diferentes regiões do país. A operação já conta com plantas em funcionamento e outras em desenvolvimento, além de contratos de fornecimento firmados com clientes industriais, o que reforça a viabilidade econômica da solução. O modelo também avança na diversificação das formas de distribuição, incluindo o fornecimento via dutos, ampliando o acesso ao mercado e criando possibilidades de consumo.

A geração de energia a partir de resíduos segue a mesma lógica.

Em aterros sanitários, o biogás já é captado e transformado em eletricidade, abastecendo cidades e reduzindo emissões que antes seriam liberadas na atmosfera. É uma solução consolidada, que ganha relevância à medida que o setor amplia sua capacidade de captura e aproveitamento desse gás.

O resíduo descartado hoje pode ser a energia que moverá as cidades amanhã.

Outra frente é a compostagem, que transforma resíduos orgânicos em adubo e devolve nutrientes ao

solo. Apesar do potencial, ainda representa uma parcela reduzida do total tratado: cerca de 300 mil toneladas, o equivalente a apenas 0,4% dos resíduos sólidos urbanos, segundo o Panorama da ABREMA.

Os aterros sanitários são, portanto, o ponto de partida dessa transformação. Quando estruturados com tecnologia, controle ambiental e capacidade de valorização, eles deixam de ser apenas locais de destinação final e passam a atuar como plataformas para novas soluções.

Circularidade em escala

Se a bioenergia transforma resíduos em energia, a economia circular amplia esse potencial ao reinseri-los nas cadeias produtivas, especialmente no ambiente industrial, no qual se concentram grandes volumes com alto potencial de reaproveitamento.

É nesse contexto que a Cetrel, empresa do Grupo Solví, estruturou o SolCircular, uma metodologia própria que organiza a gestão de resíduos de ponta a ponta, combinando diagnóstico, mensuração e desenvolvimento de soluções.

O modelo vai além da destinação adequada. Ele atua na identificação de oportunidades de valorização, transformando resíduos industriais em novos produtos e insumos. Em 2025, a iniciativa já havia desviado cerca de 389 mil toneladas de resíduos de aterros, incluindo materiais como lodos industriais e resíduos de processos produtivos que passaram a ser reinseridos em outras cadeias.

Um dos diferenciais está na capacidade de medir a circularidade. A metodologia classifica o nível de reaproveitamento de cada solução, criando um parâmetro claro para evolução e estimulando empresas a buscarem alternativas mais eficientes. Ao mesmo tempo, amplia o alcance da circularidade ao atuar não apenas no pós-consumo, mas também na etapa industrial – em que, historicamente, há menor aproveitamento.

Esse processo é viabilizado por uma rede de parceiros e pelo uso de tecnologia para monitoramento

em tempo real, o que permite acompanhar o fluxo dos resíduos desde a origem até sua nova aplicação. “A gente olha para a necessidade do cliente e busca soluções para transformar esses resíduos em novas aplicações”, explica Ciro Gouveia, CEO da Cetrel.

Impactos que vão além do ambiental

A transformação dos resíduos em novos recursos produz efeitos que vão além da mitigação de emissões. Ao criar rotas de valorização, essas soluções aumentam a eficiência dos sistemas urbanos, reduzem custos operacionais e ampliam o potencial econômico dos territórios.

Na prática, isso significa cidades menos dependentes de aterros e com maior capacidade de gestão integrada. Para as indústrias, representa a possibilidade de reduzir impactos ambientais ao mesmo tempo em que aumentam a eficiência produtiva. Já para as cadeias econômicas, abre espaço para novos modelos de negócio e maior resiliência no uso de recursos.

Esse movimento também impulsiona a geração de trabalho e renda, especialmente em atividades ligadas à reciclagem, à logística reversa e à economia

circular, muitas delas com forte potencial de inclusão social.

Ao ganhar escala, essa transformação redefine o papel dos resíduos na

economia e mostra que o enfrentamento de um dos maiores desafios urbanos do país pode, ao mesmo tempo, gerar valor, inovação e desenvolvimento.

Como funciona a geração de valor sustentável da Solví



Biometano, o biocombustível do futuro agora

Pode parecer improvável, mas aquilo que chamamos de lixo pode se transformar em combustível renovável. Esse é o caso do biometano, uma solução que conecta gestão de resíduos, inovação e transição energética.

Tudo começa quando a matéria orgânica se decompõe e libera

biogás, composto principalmente por metano (CH_4) e dióxido de carbono (CO_2). Em aterros sanitários, esse gás é captado por uma rede de tubulações e encaminhado para uma planta de tratamento, onde começa um processo tecnológico que inclui etapas de resfriamento, filtragem e purificação. O momento mais importante é o chamado

upgrading, quando o dióxido de carbono é separado e a concentração de metano ultrapassa 95%. Nesse estágio, o biometano já possui características semelhantes às do gás natural.

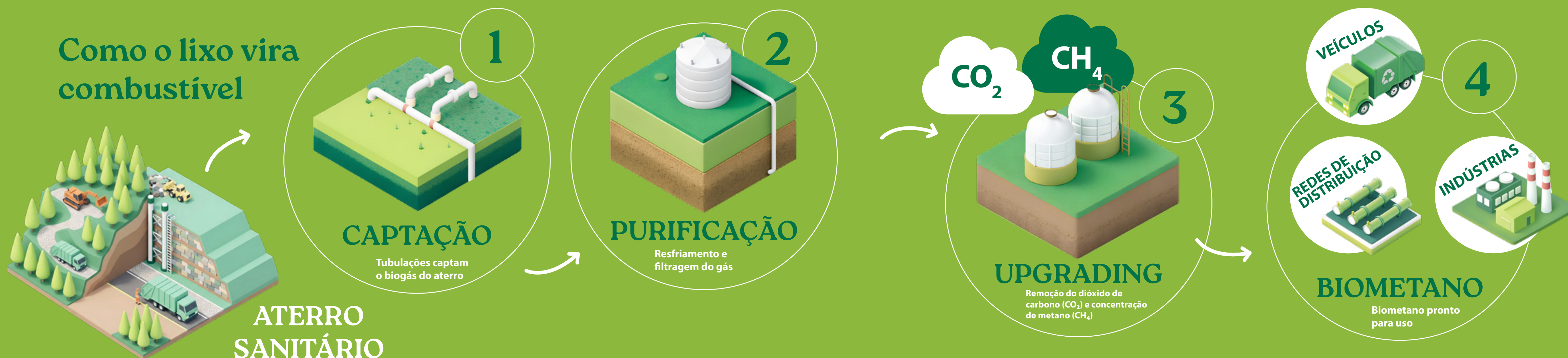
Sensores e sistemas de monitoramento acompanham toda a operação para garantir qualidade e segurança. Depois disso, o combustível é comprimido e pode ser transportado para abastecer indústrias, veículos ou injetado em redes de distribuição.

Nesse mercado em expansão, o Brasil ainda tem espaço para crescer. Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a capacidade de produção diária brasileira de biometano é de 944.043 Nm^3/dia (metros cúbicos normais por dia). Em 2025, porém, a média diária produzida foi de 345 mil Nm^3/dia . Desse volume, a Solvi foi responsável

por mais de 22%, reforçando seu papel no desenvolvimento dessa cadeia no país. A companhia pretende alcançar até 1 milhão de Nm^3/dia até 2030, com expansão prioritária nas próprias Unidades de Valorização Sustentável (UVSs). Atualmente, já conta com duas plantas em operação e uma terceira planta que será inaugurada em agosto de 2026, além de outras em desenvolvimento. Também segue identificando potencial para novas unidades.

Ao capturar o metano – gás com alto potencial de aquecimento global – e transformá-lo em biometano, evita-se sua liberação na atmosfera. Além disso, o uso desse combustível renovável em substituição a combustíveis fósseis contribui para reduzir emissões associadas a veículos e processos industriais. No fim das contas, a ideia é simples: aquilo que antes era apenas lixo pode se transformar em parte da solução para um futuro mais limpo e sustentável.

Como o lixo vira combustível





Soluções ambientais impulsionam a competitividade industrial

A gestão de resíduos e efluentes passou a integrar a estratégia de competitividade das indústrias, especialmente nos setores mais intensivos em água e matérias-primas. É nesse cenário que cresce a demanda por soluções ambientais capazes de reduzir impactos e aumentar a eficiência dos processos produtivos.

Especializada em soluções ambientais para a indústria, a Cetrel atua em

todo o país nas frentes de água e efluentes, economia circular e respostas a emergências. No Polo Industrial de Camaçari (BA), a Companhia opera um dos maiores sistemas de tratamento de efluentes industriais da América Latina. Todos os anos, cerca de 31 milhões de m³ de efluentes passam por processos de tratamento antes da destinação final – volume equivalente a mais de 12 mil piscinas olímpicas.

Entre as empresas atendidas está a Acelen, responsável pela operação da Refinaria de Mataripe. Para Alexandre Ferreira, Diretor de Segurança, Meio Ambiente e Infraestrutura da empresa, contar com uma infraestrutura ambiental especializada permite que as indústrias se concentrem em suas atividades produtivas, enquanto equipes técnicas

dedicadas garantem a gestão adequada de efluentes e outros aspectos ambientais. “Nosso foco é produzir derivados de petróleo com eficiência e segurança. Para isso, contamos com parceiros, como a Cetrel, que nos apoiam em temas ambientais complexos”, afirma Ferreira.

Para a cidade acordar limpa

Durante o Carnaval de Salvador, a cidade se transforma. Em 2026, foram mais de 12,5 milhões de pessoas nas ruas ao longo dos dias de festa e do pré-carnaval, um volume equivalente a cerca de cinco vezes a população da capital baiana. Só no domingo, o mais movimentado, 2,5 milhões de foliões ocuparam os circuitos. É nesse cenário que surge um desafio pouco visível, mas essencial: garantir que a cidade amanheça pronta para viver tudo de novo no dia seguinte.

Por trás desse trabalho está a Sotero Ambiental, empresa do Grupo Solvi, responsável pela operação especial de limpeza urbana do Carnaval, a serviço da Limpurb. Assim que os trios elétricos passam e os foliões se dispersam, entra em ação uma engrenagem que combina planejamento, agilidade e integração.

“Estamos falando de 14 dias de atuação contínua, com milhões de pessoas circulando. Às 3h da manhã o carnaval acaba, às 6h as vias já estão limpas, como se nem tivesse ocorrido carnaval ali”,

explica Carlos Neto, Líder da UVS Sotero. O planejamento começa muito antes da festa e envolve diferentes áreas da empresa – de operação e logística a manutenção, segurança e comunicação –, além de exigir alinhamento com órgãos públicos para que tudo funcione de forma integrada. Nas ruas, essa estratégia ganha forma em uma operação ininterrupta, com varrição, coleta, lavagem de ruas com produtos biodegradáveis e gestão de resíduos, com foco especial na destinação correta de plásticos.

“As equipes são distribuídas por trechos ao longo dos circuitos e atuam de forma integrada. Em média, um trecho completo é finalizado em três horas”, conta Claudia Calafange, Coordenadora de Operações da Sotero. “É uma operação que exige sincronia. Precisamos equilibrar qualidade, produtividade e segurança o tempo todo.”

Enquanto isso, outro trabalho acontece em paralelo: o de mostrar essa operação para quem está por dentro da festa, mas por fora dos bastidores. “Produzir conteúdo nesse

cenário é ter a responsabilidade de mostrar o que muita gente não vê”, diz Lara Goes, Analista de Comunicação da Sotero. “Por trás de cada rua limpa existe gente que trabalha de madrugada para que o Carnaval continue existindo.”

Ao longo de 14 dias, a operação garante que circuitos como Barra/Ondina e Campo Grande amanheçam prontos para receber novamente milhões de pessoas. Um trabalho silencioso, mas decisivo para que Salvador siga como um dos destinos mais procurados do país nesse período. Em 2026, a cidade recebeu 3,8 milhões de visitantes, com ocupação hoteleira média de 94,32% e movimentação de R\$ 8,1 bilhões na economia estadual.

No fim, o resultado aparece onde mais importa: na experiência de quem vive a festa. “É um orgulho muito grande fazer parte disso tudo”, resume Claudia. “Ver essa engrenagem funcionando e saber que contribuímos para a cidade é um sentimento de realização.”



Entre trios e latinhas, um recorde mundial

Em 2026, o Carnaval de Salvador entrou para o Guinness World Records com a maior ação de reciclagem de latas de alumínio já registrada em uma semana. Entre quinta e domingo, mais de 46 toneladas de latinhas foram recolhidas, volume cinco vezes superior ao recorde anterior, de 8,8 toneladas recolhidas durante os desfiles das escolas de samba na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro.

O resultado é fruto de uma operação conjunta entre cooperativas, Prefeitura de Salvador, por meio da Limpurb, e o Grupo Solví, patrocinador da iniciativa. “Esse resultado só é possível graças

às parcerias e, principalmente, ao trabalho dos catadores, que garantem que as latinhas tenham o destino correto.”, conta Ângelo Castro, Diretor Regional da Solví.

Todo o processo foi acompanhado por auditoria independente, com verificação conduzida pela *startup* SOLOS, responsável por garantir a validação exigida pelo Guinness. Depois disso, o material foi encaminhado para reciclagem por empresas especializadas.

“O Carnaval de Salvador é um dos maiores eventos culturais do mundo e, agora, também é reconhecido pelo impacto positivo que gera.”, afirma Ângelo com orgulho.

Folia que compensa seu impacto

O Carnaval de Salvador também teve, pelo terceiro ano consecutivo, suas emissões de carbono compensadas. A iniciativa, realizada em parceria com a Prefeitura e a Battre – empresa do grupo Solví –, utilizou créditos provenientes do Aterro Metropolitano Centro para neutralizar os impactos associados à operação do evento, que reúne milhões de foliões.

Os créditos são gerados a partir da captura e queima controlada do metano produzido na decomposição

dos resíduos, transformando-o em dióxido de carbono, um gás com menor potencial de aquecimento global. Após o evento, foram contabilizadas as emissões de fontes como trios elétricos, geradores e estruturas de apoio, viabilizando a compensação equivalente.

Para Ângelo Castro, “a compensação mostra que é possível conectar grandes eventos a soluções concretas de redução de emissões, deixando um legado positivo que vai além dos dias de festa”.



O valor social da gestão de resíduos: o impacto da responsabilidade social no desenvolvimento das comunidades



Por **NATHALIA SIQUEIRA**,
colaboradora Solvi

Ao longo da minha trajetória profissional na área de Responsabilidade Social, aprendi que os maiores desafios da gestão de resíduos não são tecnológicos, mas humanos. Trabalhando diariamente em operações de grande porte, acompanhando comunidades, colaboradores, poder público e diferentes públicos de interesse, compreendi que a transformação ambiental começa muito antes da destinação correta dos resíduos: ela começa nas pessoas.

Vivemos um momento em que muito se fala sobre inteligência artificial, cidades inteligentes e novas tecnologias para enfrentar os desafios ambientais. Todos esses avanços são indispensáveis, mas acredito que nenhuma inovação será realmente capaz de transformar o planeta sem investir, ao mesmo tempo, na transformação humana.

Foi essa convicção que fortaleceu minha visão sobre a responsabilidade social como um dos pilares estratégicos da gestão de resíduos. Na minha experiência, ela não é uma atividade paralela ao negócio, tampouco uma ação de filantropia. Trata-se de uma tecnologia social capaz de conectar pessoas, criar oportunidades, fortalecer comunidades e promover mudanças culturais permanentes.

Além dos impactos sociais e ambientais, existe outro benefício que merece destaque: organizações que investem de forma consistente em projetos sociais fortalecem sua reputação, consolidam sua marca perante a sociedade e conquistam algo essencial para qualquer operação de infraestrutura – a confiança das comunidades onde estão inseridas. Em um setor historicamente cercado por desafios relacionados à percepção pública,

construir relações transparentes e gerar valor social fortalece a licença social para operar e posiciona a empresa como agente de desenvolvimento do território.

Na Solvi, esse entendimento orienta diversas iniciativas que demonstram, na prática, como o investimento social pode contribuir simultaneamente para o desenvolvimento humano, a sustentabilidade e o próprio negócio.

Inclusão produtiva como ferramenta de transformação social

A primeira oportunidade identificada foi compreender que a gestão de resíduos também poderia gerar oportunidades de desenvolvimento econômico para as comunidades do entorno das operações.

Nosso primeiro movimento foi priorizar a contratação de moradores da região. Essa estratégia fortaleceu o vínculo entre a empresa e a comunidade e resultou em um aumento de aproximadamente 60% na participação de moradores locais no quadro de colaboradores da unidade.

No entanto, percebemos rapidamente que gerar emprego exigia um passo adicional: preparar essas pessoas para ocupações específicas do setor de gestão de resíduos, um segmento que demanda conhecimentos técnicos e competências próprias.

Assim, estruturamos programas de capacitação em parceria com instituições especializadas, criando oportunidades reais de qualificação profissional e ampliando as possibilidades de empregabilidade para pessoas que, muitas vezes, jamais haviam imaginado atuar nesse segmento. Mais do que preencher vagas, passamos a desenvolver talentos locais.

Mulheres que reencontraram oportunidades

Um dos projetos mais transformadores surgiu quando voltamos nosso olhar para as mulheres da comunidade. Durante o diagnóstico social, identificamos um grupo expressivo de mulheres em situação de vulnerabilidade. Muitas haviam dedicado grande parte da vida aos cuidados da família, outras enfrentavam relacionamentos abusivos ou haviam perdido o principal provedor da casa. Em comum, carregavam a dificuldade de retornar ao mercado de trabalho por falta de experiência ou oportunidades.

Foi desse cenário que nasceu o projeto de inserção de mulheres na Central de Triagem. Desde o processo seletivo, buscamos construir uma experiência acolhedora, explicando as atividades, oferecendo capacitação e criando um ambiente baseado no respeito, na confiança e no sentimento de pertencimento.

Os resultados ultrapassaram nossas expectativas. Ao ingressarem no mercado formal, essas mulheres conquistaram autonomia financeira, recuperaram sua autoestima e passaram a enxergar novas possibilidades para suas vidas.

A trajetória de Eugênia de Souza simboliza esse processo. Antes do projeto, trabalhava como catadora nas ruas da cidade de São Paulo, enfrentando jornadas exaustivas, insegurança e extrema vulnerabilidade. Após ingressar na Central de Triagem, conquistou estabilidade financeira, foi promovida à função de Operadora de Processos e passou a planejar um futuro que antes parecia impossível, incluindo a retomada dos estudos.

Débora Fernandes viveu uma transformação semelhante. Antes da contratação, complementava a

renda da família produzindo bolos em casa. Ao ingressar na operação, iniciou como auxiliar de triagem, realizou capacitações internas e, posteriormente, tornou-se operadora de empilhadeira. Hoje, além da estabilidade profissional, tornou-se referência para outras mulheres que buscam uma oportunidade de crescimento.

Desde a implantação do projeto, dezenas de mulheres foram beneficiadas diretamente, fortalecendo a economia local e demonstrando que investir em inclusão produtiva também significa investir no desenvolvimento das famílias e das comunidades.

Recomeços que transformam vidas

Outra iniciativa que considero especialmente significativa é o Projeto Reeducandas. Desenvolvido em parceria com a FUNAP, o programa oferece oportunidades de trabalho para mulheres em regime semiaberto, possibilitando qualificação profissional, remuneração e remição de pena. Mais do que uma oportunidade de emprego, o projeto representa a possibilidade concreta de reconstrução de trajetórias.

“Acredito que o futuro da gestão ambiental será definido não apenas pelas tecnologias que desenvolvermos, mas principalmente pela capacidade de transformar pessoas em protagonistas dessa mudança.”



Ao serem inseridas na operação, essas mulheres passam a desenvolver competências técnicas, ampliam sua autoestima e descobrem novas perspectivas de vida. Muitas delas tornam-se multiplicadoras de práticas ambientais, compartilhando conhecimentos adquiridos durante sua atuação.

Ao longo da execução do programa, ficou evidente que o maior resultado não foi apenas a reinserção profissional, mas a mudança de mentalidade. Mulheres que antes eram vistas apenas por sua condição de vulnerabilidade passaram a ser reconhecidas por sua capacidade, dedicação e potencial de transformação.

Educação ambiental como mudança de cultura

Se a inclusão produtiva transforma vidas, a educação ambiental transforma territórios. Programas como o Portas Abertas, visitas monitoradas às unidades operacionais, encontros com lideranças comunitárias e ações de educação ambiental aproximam a sociedade da realidade da gestão de resíduos.

Quando as pessoas compreendem como funciona um aterro sanitário, conhecem os processos de tratamento, entendem o papel da reciclagem e reconhecem o impacto das próprias escolhas, ocorre uma mudança de percepção. Essa mudança é gradual, construída por meio do conhecimento, da participação e do sentimento de pertencimento.

Na minha visão, é justamente nesse ponto que a responsabilidade social se torna uma tecnologia social: ela modifica comportamentos, influencia hábitos e contribui para a formação de uma cultura ambiental mais consciente.

Essa transformação cultural gera benefícios diretos para a gestão pública de resíduos. Comunidades mais informadas participam mais da coleta seletiva, reduzem o descarte irregular, valorizam os serviços públicos e tornam-se parceiras na construção de cidades mais sustentáveis.

“Quando a responsabilidade social cria oportunidades e fortalece vínculos, passa a integrar a estratégia do nosso negócio.”





**Transformando
desafios ambientais
em futuro verde.**

solví
Soluções para a vida